



Universidade de São Paulo,
São Paulo, Brasil.

PAULA MORGADO DIAS LOPES

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ OLHARES CRUZADOS

O dossiê “Olhares Cruzados” reúne quatro artigos e um ensaio fílmico que dialogam estreitamente entre si. Foram inspirados no encontro “Olhares Cruzados: Brasil/Canadá”¹, realizado em outubro de 2016 no Departamento de Antropologia da USP e que reuniu profissionais da imagem, cineastas e pesquisadores do Brasil e Québec (Canadá) para discutir experiências audiovisuais colaborativas em área indígena². Estiveram conosco cineastas Guarani, Innu, Kayapó e Kuikuro. Em tal encontro buscou-se compartilhar reflexões interculturais e os processos de criação

1. A parceria nasceu do projeto “*Vers un réseautage international de recherches et de partenariats pour l’empowerment des individus et des communautés autochtones (Canada/Brésil) – 2013-2016*”, proposto pela associação canadense *Boîte Rouge Vif (BRV)*, de Quebec aos parceiros Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA)/USP, Centro de Trabalho Indigenista (CTI) de São Paulo, cada qual com sua expertise: a BRV, há anos trabalha com o povo indígena innu; a organização não governamental CTI/SP, dedicada, igualmente há anos, à causa guarani e o LISA da Universidade de São Paulo, focado na formação e pesquisa no campo da antropologia audiovisual. O projeto contou com uma equipe extensa formada por antropólogos, designers, videomakers, cineastas, jovens guarani e innu. Desse intercâmbio foram produzidos dois filmes, (um no Brasil e outro em Québec com base em gravações realizadas em duas comunidades indígenas innu da Costa Norte de Québec, *Ekuanitshit* e na aldeia guarani *Koenju* no Estado do Rio Grande do Sul.) e o referido seminário « Olhares Cruzados ». Tanto o filme como o seminário tinham por objetivo compartilhar as reflexões interculturais e os processos de criação cinematográficas implicados nesse trabalho.

2. As mesas redondas estão disponíveis em: <http://lisa.fflch.usp.br/node/169>

cinematográfica entre cineastas indígenas e pesquisadores, que abordaram temas contemporâneos como protagonismo indígena, produção compartilhada, arte, antropologia e política.

Inspirados pelas instigantes discussões do seminário convidamos outros colegas, do Brasil e de Quebec para participar deste dossiê. Transmissão cultural, cinema, protagonismo, produção compartilhada, mediação, política, interdisciplinaridade são temas que perpassam os cinco trabalhos deste dossiê e nos incitam a pensar sobre os caminhos contemporâneos traçados pelas comunidades indígenas e o papel da antropologia.

Abrimos o dossiê com o artigo de **Inês Ladeira**, coordenadora do CTI e parceira no projeto canadense. Em seu texto « Imagens, memórias e mediadores: olhares trocados de Norte a Sul », a autora realiza uma imersão no universo do cinema guarani atual. Destaca o papel ativo dos novos cineastas guarani, em um esforço de avaliar as imagens que circulam para dentro (nas aldeias) e para fora (nas cidades) graças às novas tecnologias. Antes de serem artistas, tais jovens são mediadores e têm o compromisso com o coletivo. Como diz Ladeira, as imagens são « guardadores de memórias », propulsoras de novas histórias e também reiteram valores indígenas. Como irá mostrar, na presente época de potência máxima da reprodutibilidade, modificam-se os usos e circulação das imagens, cuja importância é retificada pelos mais velhos. Para além da expansão dos circuitos de comunicação, ocorrem mudanças estéticas corporais e um novo culto à aparência física. Todavia, o que está em jogo é menos a busca pela visibilidade estética e mais dar visibilidade às duras realidades indígenas vividas por esses povos.

O artigo de **Andre Demarchi e Diego Madi**, dissecam a relação que há entre os elementos imagéticos e os rituais nas aldeias mebêngôkre (Kayapó). Além de discorrer sobre os circuitos imagéticos, os autores buscam responder, na perspectiva desse grupo, porquê os rituais são considerados os produtos filmados mais valorizados. A análise parte do « Projeto de Documentação da Cultura Mebêngôkre », desenvolvido de 2009 a 2015, desenvolvido pelos autores junto ao Museu do Índio. Segundo os autores os filmes-rituais revelam uma escolha estética e relacional. Ao mesmo tempo eles têm uma dimensão sincrônica, no plano da circulação, de consumo imediato e revelam, também, uma dimensão diacrônica, cujo « projeto imagético é voltado para o futuro ». Como irão mostrar detalhadamente « a relação entre vídeo, performatizar e cultura encontra sua expressão máxima em tais filmagens-rituais».

O terceiro artigo de **Ruben Caixeta de Queiroz e Renata Otto Diniz** também trafega no campo do ritual e filme, desta vez, entre os Maxacali. Segundo o autor, tal relação só se faz compreensível ao entendermos a sua

« lógica e estratégia De modo distinto do que é desenvolvido por Demarchi e Dias, aqui um novo elemento é acrescentado à análise: a dimensão histórica. O desafio é articular as três camadas desta reflexão: entender como no cinema indígena maxakali os campos história, cosmologia e ritual estão entrelaçados, como o ritual pode ser compreendido por meio do cinema que realizam e, por fim, como um se transforma no outro ou um transforma o outro.

A quarta contribuição, em forma de uma análise fílmica, nos é apresentada por **Renato Sztutman** que participou, como André Demarchi e Inês Ladeira, do encontro « Olhares Cruzados » na USP³. Nessa ocasião Sztutman ficou muito impressionado com a potência estética dos filmes realizados por Réal Leblanc, do povo innu, apresentados na mostra de filmes guarani e innu do referido evento. Inspirado pelos filmes-poesmas de Réal, o autor irá nos proporcionar uma imersão nesse universo fílmico, revelando como estética e política são indissociáveis. Por meio de uma fina análise fílmica, o autor concluirá que a « poesia não estaria apenas no texto mas no discurso visual, na capacidade do realizador de compor imagens e nos conduzir à estética como política.

Finalmente temos como quinto trabalho o filme « Indian Time », de autoria de Carl Morasse, membro da associação BRV de Québec, instituição idealizadora do projeto « Olhares Cruzados ». Seu trabalho encerra nosso dossiê e, ao mesmo tempo, traduz a síntese das trocas interdisciplinares travadas entre instituições universitárias e indígenas, tomando por base seu trabalho junto a BRV. Por meio deste filme os leitores, em especial os sulamericanos, têm a possibilidade de mergulhar em um universo, para esse público, pouco conhecido, o universo indígena de Quebec. Nesse trabalho o autor busca criar a oportunidade de ouvirmos a voz dos autóctones e apreciarmos sua criação artística, situando-se na fronteira do que chamamos de filme de autor e documentário.

3. Renato participou do encontro « Olhares Cruzados » na mesa « Cinema indígena : mediação e política ». Nesta ocasião abordou-se os papéis políticos e de mediação dos novos cineasta indígenas, abordando suas produções fílmicas dentro e fora de sua comunidade, aprofundando o debate sobre as diferentes recepções dessa produção, sua relação com os discursos das lideranças indígenas e seu papel de mediador entre a comunidade e o mundo exterior.

PAULA MORGADO DIAS LOPES

Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (2004) com pós-doutorado em antropologia visual na Université Laval (Quebec, Canadá), 2009. Desde 1992 trabalha no *Laboratório de Imagem e Som em Antropologia* da mesma instituição, Desenvolveu pesquisa na Amazônia entre os povos Wayana e Aparai, da qual resultou sua dissertação de mestrado (1994) e artigos na área de etnomedicina. Posteriormente passou a dedicar-se a antropologia visual, focada na pesquisa entre os Wayana da Guiana Francesa, concluindo sua tese de doutorado (2004). Desde 2006, desenvolve estudos no campo da antropologia e as tecnologias de informação e comunicação, interessada pelos discursos indígenas na cibercultura, da sua produção fílmica e sobre seus acervos audiovisuais depositados em instituições acadêmicas. É membro do Grupo de Antropologia Visual (GRAVI) da USP, do Centre interuniversitaire d'études et recherches autochtones (CIÉRA) da Université Laval (QC) e da Associação Brasileira de Antropologia (ABA).

